



Ricardo Corrêa, o “Fofão da Augusta”? Um personagem conhecido e uma pessoa invisível

Carolina Moura Klautau¹

Universidade Anhembi Morumbi (UAM).

Resumo: O perfil “Fofão da Augusta? Quem me chama assim não me conhece”, nosso sujeito de pesquisa, foi escrito por Chico Felitti em 2017. A narrativa tenta compreender a personalidade complexa de Ricardo Corrêa, que personifica a complementaridade de opostos, noção integrante de uma perspectiva compreensiva de apreensão do mundo, de acordo com os pensamentos de Dimas Künsch. Entendemos que o perfil, inserido no território do Jornalismo Literário, por narrar os protagonistas do cotidiano, é um formato privilegiado para que os antagonismos e contradições, tão característicos dos seres humanos, sejam trabalhados por repórteres. A complementaridade de opostos é discutida à luz da mitologia hinduísta, por meio dos estudos de Fritjof Capra e Joseph Campbell. Já o tema do perfil jornalístico, está baseado nas produções de Edvaldo Pereira Lima, Sérgio Villas Boas e Mateus Yuri Passos sobre o tema.

Palavras-chave: comunicação; jornalismo literário; perfil jornalístico; complementaridade de opostos; Chico Felitti.

1. O personagem mais conhecido de São Paulo?

O repórter Chico Felitti, em 2017, conseguiu um feito jornalístico: “prender a atenção de milhares de pessoas num texto realmente longo sobre uma figura anônima”, considera a jornalista Carla Furtado (2018). Um “feito jornalístico” porque Felitti teve o texto noticioso mais lido daquele ano da versão brasileira do site *BuzzFeed* – um portal

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. Docente do curso de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: carolklautau@gmail.com

dedicado, majoritariamente, a publicação de conteúdos que tem potencial de tornarem-se virais, como textos em forma de listas ou testes.²

Muito se questiona sobre a qualidade dos conteúdos do *BuzzFeed Brasil*, como pontua Paulo Serpa Antunes (2015). Mas, no caso do perfil sobre o “Fofão da Augusta”,³ ou melhor, sobre Ricardo Corrêa, parece que o veículo foi certo em sua aposta: o texto viralizou e fez com que, segundo conta Felitti (2018), “os jornais que antes queriam dar minha matéria com viés sensacionalista deram perfis humanos do Ricardo após sua morte e o chamaram pelo nome. Isso é otimista”.⁴

O perfil foi publicado numa madrugada de sexta pra [sic] sábado. O meu telefone começou a tocar muito já no sábado e no domingo. O pessoal do *BuzzFeed* falava “tá [sic] dando muito certo, tá [sic] dando muito certo”, e a gente não tinha noção do quanto tinha dado certo. Muita gente respondeu, muita gente disse ter se sentido tocada, as pessoas começaram a compartilhar histórias que tinham tido com ele pela cidade, o que trouxe uma segunda narrativa, meio que uma colcha de retalho que era a relação do Ricardo com a cidade. Era uma pessoa conhecida, ainda que ninguém conhecesse ele (FELITTI, 2018).

Antes da publicação do perfil pelo *BuzzFeed Brasil*, Felitti chegou a oferecer o texto sobre o conhecido mais desconhecido de São Paulo a diversos veículos (como o jornal *Folha de S.Paulo* e a revista *piauí*), mas optou por publicar naquele que “daria o olhar mais humano, permitindo o tamanho da publicação maior que o comum” (FURTADO, 2018). E este veículo foi o *BuzzFeed Brasil*. A partir de sua experiência, Felitti (2018) considera que “o jornalismo já foi muito de ridicularizar, mas o novo jornalismo é curioso, procura humanizar as pessoas e entendê-las, sem desqualificar”.

² O *BuzzFeed* não é conhecido, majoritariamente, por seu conteúdo jornalístico, mas, sim, pelas publicações curtas em forma de listas e por testes dos mais variados assuntos. É comum encontrarmos memes, GIFs e vídeos, por exemplo, publicados ao longo dos textos. Tudo aquilo que pode gerar barulho, é bem-vindo no site. No entanto, nos últimos anos, o *BuzzFeed* tem apostado também em conteúdo jornalístico “em busca de maior credibilidade e melhores conteúdos” (ANTUNES, 2015, p. 3). Um exemplo dessa tentativa, foi a contratação, em 2013, do vencedor do prêmio Pulitzer, Mark Schoofs, para comandar uma equipe de jornalismo investigativo. Para saber mais sobre o site, ver “10 coisas que você precisa saber sobre o *BuzzFeed Brasil*”. Disponível em: < <https://www.buzzfeed.com/felitti/fofao-da-augusta-quem-me-chama-assim-nao-me-conhece> >. Acesso em: 28 jul. 2020.

³ O perfil completo está disponível em: < <https://www.buzzfeed.com/felitti/fofao-da-augusta-quem-me-chama-assim-nao-me-conhece> >. Acesso em: 28 jul. 2020.

⁴ Os depoimentos do repórter fazem parte de sua participação em um dos encontros do projeto “Plus Plus” para falar sobre o tema da compaixão, a partir do perfil que escreveu. Disponível em: < <https://atomo.cc/compaix%C3%A3o-no-jornalismo-quando-a-rela%C3%A7%C3%A3o-fonte-rep%C3%B3rter-vai-al%C3%A9m-1d7814620ba3> >. Acesso em: 28 jul. 2020.

Além do *buzz*, zumbido em inglês, que Felitti causou na imprensa, ele conseguiu transformar a vida de seu personagem. Com a publicação do perfil, as pessoas que passavam por Ricardo Corrêa na rua, que antes conheciam-no como “Fofão da Augusta”, passaram a chama-lo pelo nome, cumprimentavam-no e parabenizavam-no pela sua história de vida. Ele, que esteve internado como indigente no Hospital das Clínicas (HC), em São Paulo, passou a ser reconhecido por seu nome e sobrenome verdadeiros. Ricardo Corrêa faleceu dois meses após a publicação do perfil, em dezembro de 2017. “Soube da morte dele pela generosidade das pessoas que me avisavam onde ele estava sempre. Uma dessas pessoas foi a médica que estava no hospital em que ele morreu”, conta Felitti (2018).

Em sua narrativa, o repórter vai em busca de conhecer quem é, de fato, aquele que, até então, era o “Fofão da Augusta”. Morador da região central de São Paulo, o jornalista sempre cruzava com aquele indivíduo de características tão peculiares: “eu queria muito saber quem era aquela pessoa, e fiz várias tentativas, insistentes, no decorrer dos anos, de falar com ele e ele sempre era muito educado, declinava educadamente” (FELITTI, 2018). O perfil só foi possível, então, quando o jornalista ficou sabendo, por uma conhecida das redes sociais, que Ricardo estava num hospital e decidiu ir visitá-lo.

Após o primeiro encontro e algum tempo depois da recuperação de Ricardo – quando já conseguia falar sobre sua vida e com a esquizofrenia mais controlada – o repórter disse que gostaria de contar a sua história e que queria que as pessoas soubessem quem ele realmente era. No HC, ainda como indigente, “ele não tinha direito a um nome”, conta Felitti (2018), “assim como ele não tinha direito a um nome na cidade, as pessoas chamavam ele de ‘Fofão da Augusta’, ninguém sabia o nome dele”. O perfil, então, também foi um processo de busca e conquista de identidade.

2. O perfil jornalístico

Em alguns momentos, o trabalho de Chico Felitti lembra aquele realizado por Joseph Mitchell, para a revista *New Yorker*, sobre o, entre tantas coisas, mendigo Joe Gould.⁵ Os sentidos tecidos pelo repórter estadunidense, publicados em 1942 e 1946,

⁵ *O segredo de Joe Gould* foi publicado no Brasil, em 2003, pela Companhia das Letras.

antes e após a morte do personagem principal da narrativa, são considerados dois clássicos daquilo que entende-se como Jornalismo Literário.

Joe Gould nasceu em 1887, em Massachussets, nos Estados Unidos, e cursou graduação na Universidade de Harvard. Mas a vida lhe levou para outros caminhos: ele esteve engajado em movimentos pela independência da Albânia e flertou com uma carreira na área de etnografia, mas acabou se mudando para Nova York, em 1916, onde trabalhou como repórter no *New York Evening Mail*. Um ano depois, largou o emprego e passou a se dedicar ao projeto literário “Uma história oral de nosso tempo”, que seria um contraponto à narrativa oficial das instituições, fontes oficiais e outras autoridades. Seu interesse, nesse momento, era pelas pessoas comuns, “seus pensamentos, anseios, derrotas e pequenas vitórias”, conta Mateus Yuri Passos (2014, p. 8).

O perfilado e o repórter possuíam um interesse semelhante: as histórias de vida dos anônimos, dos marginalizados. Tendo a vida ordinária como matéria-prima, Mitchell traçava, por um lado, “o perfil de uma Nova York rústica que desaparecia constantemente sujeita não apenas à modernização, mas à gentrificação” e, por outro, falava sobre as “vidas de pessoas que estavam fora de lugar nesse processo” (PASSOS, 2014, p. 4).

No primeiro perfil, “Professor Gaivota”, Mitchell (2003) descreve a aparência, os hábitos, a personalidade, a atuação na cena artística do Greenwich Village, os primeiros anos de vida de Joe Gould, sua vida adulta, a idealização do projeto “História Oral” e outras características desse protagonista do cotidiano, como Cremilda Medina (2003) chama os sujeitos narrados pelo jornalismo. Nesse momento, o repórter dedica bastante tempo a descrever a aparência “excêntrica” de Gould.

O segundo texto, “O segredo de Joe Gould” (MITCHELL, 2003), foi publicado após a morte do perfilado, como “um contraperfil, uma revisão de ‘O Professor Gaivota’, tanto em conteúdo – o leitor é apresentado a um Gould aproveitador e irritante, inconveniente – quanto em configuração, uma vez que Mitchell assume a primeira pessoa e intervém no relato com comentários e digressões” (PASSOS, 2014, p. 9).

As aproximações entre os textos de Felitti e Mitchell, além de retratarem duas figuras excêntricas e misteriosas de duas grandes cidades, se dão também pelo envolvimento dos dois jornalistas com seus perfilados, pelo estabelecimento de laços com o

leitor e a leitora a partir do compartilhamento da subjetividade do repórter (como quando contam os motivos que levaram a escrever os perfis ou quando falam da proximidade entre repórter e fonte, por exemplo) e por retratarem personagens numa perspectiva complexa, não buscando uma “definição” de Gould e Ricardo Corrêa, mas, sim, uma compreensão das nuances, complementaridades e contradições que permeiam a vida dos perfilados.

A abertura diante do Outro e dos sentidos que emergem do encontro com o cotidiano, são duas possibilidades que o perfil jornalístico apresenta. Para Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 428), esse formato jornalístico pode ser entendido como reportagens biográficas, que tem como objetivo “lançar luzes sobre alguém, compreendê-lo sob diferentes matizes de cores”.

Lima (2009, p. 427) relaciona essa narrativa, que tem como foco o fragmento da vida de um ser humano – seja ele anônimo ou famoso – à humanização do jornalismo, num “texto que retrata um indivíduo como em uma arqueologia psicológica que vai escavando e trazendo à tona seus valores, suas motivações, talvez seus receios, seus lados luminosos e suas facetas sombrias, quem sabe”.

Também é possível dizer que os perfis têm um papel importante, que é o de gerar empatia, segundo Sérgio Villas Boas (2003, p. 14). Ao conhecer a história de vida do Outro, é possível tentar imaginar o que essa pessoa sentiu, o que faríamos se estivéssemos na mesma situação que ele ou ela e o que sentiríamos se ocupássemos o seu lugar. “Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar a situação do ponto de vista do interlocutor. Acredito que a empatia também facilita o autocohecimento (de quem escreve e de quem lê).”

Dessa forma, o perfil jornalístico parece estar em sintonia com uma postura que leva em consideração as incertezas, a complexidade e a complementaridade de opostos que envolvem as personalidades daqueles e daquelas que são narrados e narradas. Mas, para que esses antagonismos e contradições que fazem parte do ser humano sejam levados em consideração, é preciso que jornalistas estejam disponíveis a captá-los.

3. Compreensão e complementaridade de opostos

A complementaridade de opostos acompanha a tentativa de conhecimento do mundo há milhares de anos. Mitologia, religiosidade, filosofia e, mais recentemente, a física, psicologia e a sociologia, são algumas áreas do saber que estabelecem diálogos com essa noção ancestral. Uma visita ao hinduísmo, uma das mais antigas religiões do mundo, pode exemplificar como a complementaridade de opostos está presente no pensamento humano.

O principal objetivo da filosofia hinduísta é uma experiência mística direta da realidade, que também é uma experiência religiosa. Segundo Fritjof Capra (2013, p. 99), no hinduísmo “a vinculação entre filosofia e religião é particularmente sólida”, já que quase todo o pensamento na Índia é, também, religioso. E a filosofia hinduísta “influenciou, ao longo de muitos séculos, a vida intelectual do país” e “determinou, de maneira quase total, sua vida social e cultural”.

Pode-se dizer que o hinduísmo é um organismo social e religioso muito amplo, que abraça várias seitas, cultos e sistemas filosóficos, em que os adeptos e as adeptas praticam diversos rituais, cerimônias e adoram incontáveis deuses e deusas, se configurando como uma tradição espiritual complexa. A mitologia hindu “não é um mero tema de pesquisa e estudo de coisas antigas; ela ainda permeia inteiramente a vida de seu povo, com uma influência controladora”, segundo Ananda Coomaraswami e Irmã Nivedita (2002, p. 6).

Os *Vedas*, livros possivelmente escritos entre 1500 e 500a.C., e de autoria desconhecida, são a mais alta autoridade religiosa para a maioria dos hinduístas e das hinduístas e são divididos em quatro partes. Os ensinamentos práticos e filosóficos da religião hindu, que “contêm a essência da mensagem espiritual do hinduísmo” (CAPRA, 2013, p. 100), estão localizados nos *Upanishads*, a parte final da obra.

É neste último livro, segundo Capra (2013), que podemos encontrar um diálogo com a complementaridade de opostos. Essa relação se dá quando conhecemos a perspectiva hinduísta do Divino, um princípio que não controla as coisas de fora para dentro, mas de dentro para fora, então opondo-se a uma visão que frequentemente encontramos no pensamento ocidental. Os versos dos *Upanishads* mostram que opostos não se anulam, mas complementam-se: aquele que está em todas as coisas, ao mesmo tempo



é múltiplo de todas essas coisas; aquele que as coisas desconhecem, na verdade, é feito de todas as coisas...

Aquele que, habitando em todas as coisas,
É, no entanto, diverso de todas as coisas,
Aquele a quem todas as coisas não conhecem,
Cujo corpo é feito de todas as coisas,
Que controla todas as coisas a partir de dentro –
Aquele é a sua Alma, o Controlador interior,
O Imortal (BRIHAD-ARANYAKA UPANISHAD apud CAPRA, 2013, p. 37).

Mesmo com toda a importância dos *Upanishads*, a maioria do povo indiano tem aprendido sobre o hinduísmo a partir do *Bhagavad Gita*, “o texto religioso favorito da Índia” (CAPRA, 2013, p. 100), em que está contido o poema épico do *Mahabharata*. Este, por sua vez, faz parte de “um grande número de contos populares, reunidos em épicos de várias dimensões, que constituem a base da ampla e colorida mitologia da Índia”.

A principal história do *Bhagavad Gita* é um diálogo entre o deus Krishna e Arjuna, um guerreiro que está desesperado por ter que combater seus próprios parentes numa grande guerra familiar. Krishna se disfarça de cocheiro do guerreiro e, ao chegar no meio dos dois exércitos no campo de batalha, revela a Arjuna as verdades mais fundamentais do hinduísmo e “à medida que o deus fala, o cenário realista da guerra entre as duas famílias perde seus contornos e fica claro que a batalha de Arjuna é, em verdade, a batalha espiritual da natureza humana” (CAPRA, 2013, p. 100), que é a luta em busca da iluminação.

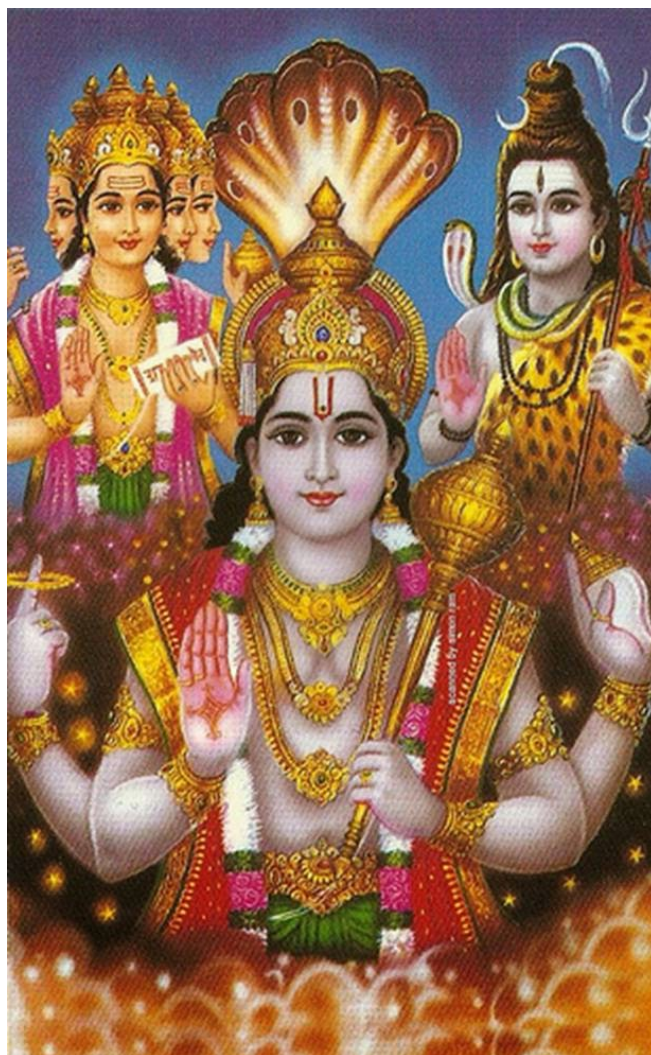
As palavras de Krishna colocam em questão a ideia da realidade última, *Brahman*, que é a base do misticismo oriental, a essência interna de todas as coisas, que é infinita e supera todos os conceitos. “A manifestação de *Brahman* na alma humana é chamada *Atman*, e a ideia de que *Atman* e *Brahman*, a realidade individual e a realidade última, são Um constitui a essência dos *Upanishads*” (CAPRA, 2013, p. 101). *Brahman* também é o mago que se transforma no mundo – o tema da criação do universo, aliás, é fundamental para a mitologia hindu.

A multiplicidade, tão característica do hinduísmo, pode ser percebida, segundo Victor Hellern, Henry Notaker e Jostein Gaarder em *O livro das religiões* (2000), no

conceito de Deus dentro da religião, que é panteísta: não é um ser pessoal, mas uma força ou energia que tudo permeia. Há divindades nas plantas, nos animais, nas coisas e nos seres humanos também.

Entre os hindus, a forma mais popular de aproximar-se do Divino é pela adoração de um deus ou de uma deusa pessoal. Por isso, “a fértil imaginação indiana criou literalmente milhares de divindades que aparecem em inúmeras manifestações” (CAPRA, 2013, p. 104), mas as mais adoradas são Brahman, Vishnu e Shiva, formando a Trimurti (CAMPBELL, 2007).

Figura 1 – Trimurti: Brahman, Vishnu e Shiva



Fonte: *Hindu Devotional Blog*

A representação mais celebrada de Shiva, que pode assumir muitas formas, é como o Dançarino Cósmico, como deus da criação e da destruição. Por meio de sua

dança, mantém o ritmo do universo. É em Shiva que encontramos outro exemplo de como a complementaridade de opostos aparece no hinduísmo: essa divindade tem sido descrita como paradoxal pois, ao mesmo tempo, é renunciante e proprietário, celibatário e marido, segundo Cybelle Shattuck (2002). Dentro do pensamento hindu, a atitude dual é uma maneira de alcançar a perfeição moral e espiritual e gera uma energia que pode ser tanto criativa quanto destruidora. A divindade é temida e aterrorizante, um carregador de doenças e de curas, ao mesmo tempo (HELLERN; NOTAKER; GAARDER, 2000).

Enquanto Shiva tem a possibilidade de destruir o universo, a preservação deste é responsabilidade de Vishnu, que aparece, entre vários disfarces, como o deus Krishna do *Bhagavad Gita* (CAPRA, 2013). Quando o mundo está diante de alguma ameaça por uma força do mal, Vishnu surge sob a representação de uma de suas encarnações para garantir sua proteção.

Mesmo que Shiva e Vishnu sejam duas divindades, no fundo são uma só. O elixir da vida, de que alguns mitos falam, só pode ser obtido por meio de uma atuação conjunta de ambos, como indica Joseph Campbell (2007). Resumidamente, Brahman é o criador do mundo, Vishnu é o sustentador das leis naturais e da ordem universal e Shiva é o destruidor que, ao final de cada ciclo cósmico, dança sobre o mundo, reduzindo-o a fragmentos. Após a destruição do universo, Brahman precisa criá-lo novamente. Essas três divindades, então, representam os três aspectos de Deus: criador, sustentador e destruidor, em complementaridade (HELLERN; NOTAKER; GAARDER, 2000).

As narrativas do hinduísmo são construídas a partir de mitos, com uso de metáforas, símbolos, imagens, comparações e alegorias. A linguagem mítica, aliás, mais do que a lógica, possibilita, muito mais, o diálogo com a complementaridade de opostos, pois:

Acha-se muito menos acorrentada à lógica e ao senso comum; ao contrário, apresenta-se repleta de situações mágicas e paradoxais, ricas em imagens sugestivas e jamais precisas, o que lhe permite expressar a maneira pela qual os místicos experimentam a realidade de forma muito melhor que a linguagem factual (CAPRA, 2013, p. 57).

Falamos sobre as narrativas hinduístas, mas, na verdade, essas características são comuns a todas as mitologias, de todos os lugares do mundo. No que diz respeito aos mitos de criação, por exemplo, “todas as culturas de que temos registro, passadas e pre-

sententes, tentaram de alguma forma entender não só nossas origens, mas também a origem do mundo onde vivemos” e, para isso, utilizaram-se de “belas metáforas e um riquíssimo simbolismo” que “cruzam as fronteiras entre ciência e religião expressando uma profunda universalidade do pensamento humano”, indica Marcelo Gleiser (2006, p. 9).

Dando um salto de milhares de anos, a noção da complementaridade de opostos vai inspirar a epistemologia da compreensão, da forma como tem sido trabalhada por Dimas Künsch (2005).

Em seu sentido original, compreender, do latim *comprehendere*, significa “abranger, abraçar ou pegar junto” (KÜNSCH, 2005, p. 46). Dessa forma, uma visão de mundo compreensiva significa aproximar diversas formas de conhecimento, sem hierarquias, levando em consideração “cada uma a seu modo, com sua verdade própria e com os seus limites e suas mazelas, no mundo físico e humano, incluindo o mundo dos fatos e situações do presente” (KÜNSCH; KLAUTAU, 2017, p. 4), onde, inclusive, o próprio jornalismo opera.

Diferentemente da explicação, a compreensão não pressupõe a certeza sobre o conhecimento. Ela está, na verdade, muito mais preocupada com a construção de pontes, com as ligações, onde, anteriormente, o conhecimento foi fragmentado, como dizem Dimas Künsch, Eugenio Menezes e Mateus Yuri Passos (2017). Levar em conta, e valorizar, sem hierarquias, as diferentes formas de apreensão do mundo – a mitologia, a ciência e o jornalismo, por exemplo – é uma das propostas de uma epistemologia compreensiva. “Neste vasto mundo desafiadoramente compreensivo, mais vale perguntar e perguntar que responder, definir e conceituar” (KÜNSCH; MENEZES; PASSOS, 2017, p.11). A diversidade, a contradição, a complementaridade entre formas de conhecimento do mundo, que podem parecer opostas, são fundamentais para o pensamento da compreensão.

Ao assumir a postura de dialogar com a diversidade, o diferente, a religião e a ciência, ao mesmo tempo, a epistemologia compreensiva abraça “duas coisas que a academia anda longe de compreender, integrar, abraçar. A coisa e seu contrário” (KÜNSCH et. al, 2017, p. 16). Ou seja, a complementaridade de opostos.

4. A vida que supera as dualidades

Numa primeira tentativa de entrevista, o “Fofão da Augusta” disse ao repórter “obrigada, eu sou muito humilde e não gosto de aparecer”. Anos depois, quando Felitti foi autorizado pelo seu perfilado a escrever sobre ele, Ricardo Corrêa, agora com nome e sobrenome de verdade, tinha como uma de suas principais características achar que era muito famoso. “Ele dizia que a Michelle Obama tinha roubado o corte de cabelo dele, que o rosto dele estampava as caixas de tintura Wella no mundo inteiro e, por isso, a Wella devia 7 milhões de dólares pra [sic] ele” (FELITTI, 2018).

O jornalista conseguiu autorização de Ricardo Corrêa para falar sobre sua vida e contar sua história, após alguns meses de visitas ao Hospital das Clínicas, na capital paulistana, onde o perfilado estava internado. Felitti ganhou a confiança de seu personagem depois de ter conseguido encontrar a certidão de nascimento dele, num cartório na cidade de Araraquara, no interior de São Paulo. Quando o repórter confirmou se poderia mesmo publicar o perfil, a resposta que conseguiu foi: “é claro! Desde que não exagrem a minha importância no mundo”.

Figura 2 – Ricardo Corrêa



Fonte: *BuzzFeed Brasil*

Ricardo Corrêa passava seus dias entregando panfletos de peças teatrais que ocorriam na Praça Roosevelt, na região central de São Paulo, em troca de doações e de dinheiro. Todo dia, ele precisava voltar para a pensão onde morava com pelo menos R\$30 para pagar o valor da diária e ter onde dormir. Ao mesmo tempo, tinha uma herança de mais de R\$ 35 mil, deixada por um tio, que nunca buscou.

O perfilado é essa figura complexa e indecifrável: pede dinheiro nas ruas, mas tem uma herança de 35 mil reais nunca resgatada; não gosta de aparecer, mas já trabalhou como *host* de festas, chegando a receber pessoas como o estilista Alexandre Herchcovitch; era conhecido por milhares de pessoas em São Paulo mas, no fundo, era um completo desconhecido – ficou duas vezes internado na ala de indigentes do Hospital das Clínicas. É um ser humano contraditório e complexo, que concentra uma porção de opostos complementares em si mesmo (rico e pobre, famoso e desconhecido, importante e desimportante...).

O interesse do jornalista pelo personagem “Fofão da Augusta” era antigo, mas a possibilidade real de fazer com que as pessoas conhecessem quem era aquela pessoa tão familiar a muitos e qual era sua história de vida, começou num domingo de Páscoa, quando uma amiga de Facebook de Chico Felitti avisou que o “Fofão da Augusta” estava internado no Hospital das Clínicas, surtando e sem dizer coisa com coisa. Ela só avisou o jornalista porque uma vez ele postou, na mesma rede social, que tinha interesse nessa “lenda urbana” tão famosa da cidade de São Paulo.

No HC tiveram que amputar o dedo médio de Ricardo porque havia nele a presença de ovos de moscas. Felitti e sua mãe, Isabel Dias, encontraram o quarto em que o paciente estava e uma das primeiras coisas que ele disse à ela foi “J’Adore!” – aquele homem, que viveu muitos e muitos dias em situação de rua, internado num hospital como indigente e com ovos de moscas por baixo da pele, reconheceu o perfume que Isabel usava. A resposta dela foi “Que chique!”. Quando o horário de visitas acabou, mãe e filho já tinham escutado o homem falar inglês, italiano e francês. No dia seguinte, as peças do quebra-cabeças, da “terra arrasada” (FELITTI, 2018) da vida daquele que descobriram chamar-se Ricardo Corrêa começaram a ser desvendadas e tecidas.

Após o encontro no Hospital das Clínicas, Chico Felitti, muitas vezes acompanhado de sua mãe, foi até a Rua Augusta tentar descobrir um pouco sobre a vida de Ri-

cardo Corrêa. De lá, ele foi seguindo as pistas, as dicas e os boatos que comerciantes que trabalham na rua compartilhavam e começou a conhecer, um pouco mais, sobre seu personagem. Até o final do período de apuração para escrever o perfil, mais de uma dezena de locais foram visitados pelo repórter – da casa do irmão de Ricardo Corrêa e um cartório, ambos em Araraquara, até salões de beleza e hotéis na Cracolândia, região central de São Paulo, onde Ricardo costumava se hospedar. O trabalho de apuração de Felitti ainda contou com mais de trinta entrevistas realizadas.

Ouvir familiares, antigas e atuais colegas de trabalho e comerciantes da Rua Augusta, local onde Ricardo Corrêa costumava passar seus dias pedindo dinheiro, enriquece a narrativa e contribui para que leitores e leitoras possam se dar conta da complexidade do personagem. Além disso, dialogar com pessoas que conheciam diferentes faces de Ricardo – como inquilino, cabelereiro, irmão, parceiro de trabalho e até mesmo aqueles que apenas tinham curiosidade por sua figura – agrega importantes perspectivas para a narrativa.

O perfil encerra com uma cena de quando o repórter está indo para a casa de sua mãe e encontra Ricardo Corrêa na rua. Ele pergunta a Felitti, “e a Jane, vai bem?” – em alusão à Jane Fonda, atriz estadunidense que dizia parecer com a mãe do jornalista. Nesse momento, ele é convidado a ver Isabel, ou Jane, pessoalmente. No encontro, eles comem biscoitos e Ricardo se despede dizendo que precisa trabalhar “e sai. Rumo à rua Augusta” (FELITTI, 2017). Depois daquele ponto final (final?), tudo pode ter acontecido com Ricardo e ele pode ser quem quiser – a preocupação do repórter foi de juntar peças e não concluir qualquer coisa.

No dia seguinte da publicação, quando não parava de receber chamadas no celular e milhares de comentários eram feitos sobre o perfil, Felitti foi até a pensão onde Ricardo Corrêa estava hospedado para ver como ele reagiria àquela exposição. E, até aquele momento, tudo correu bem.

Esses sentidos abertos apontam para uma narrativa autoral de Felitti e para a complexidade que permeia a história de vida e a personalidade de seu perfilado. Após ouvir mais de trinta pessoas, visitar mais de dez lugares e pesquisar sobre o “Fofão da Augusta” nas redes sociais e em arquivos de jornais, ficou claro que o drama das pessoas anônimas sempre esconde uma grande narrativa por trás, basta ao repórter ou à repór-

ter saber enxergar. Esta atitude aberta ao Outro também possibilitou que o jornalista dialogasse com as várias perspectivas e características de Ricardo Corrêa que, geralmente, eram tensionadas entre pares de opostos não complementares, pelos veículos jornalísticos que falavam sobre ele.

O precioso trabalho de apuração possibilitou ao repórter conhecer o Ricardo herdeiro de R\$ 35 mil e o Ricardo que pedia dinheiro na rua para sobreviver; o homem que estava internado como indigente no Hospital das Clínicas, mas que era reconhecido pelas pessoas na cidade como o “Fofão da Augusta”; o “Fofão da Augusta”, conhecido de todas e de todos que passavam pela região da Avenida Paulista, mas que, na verdade, era um completo desconhecido para elas; o homem que não gostava de aparecer, mas que dizia “eu não sou desconhecido. Eu sou muito popular”. Ricardo Corrêa não é uma dessas coisas ou outra: Felitti faz com que conheçamos um Ricardo que é uma dessas coisas e as outras também.

Ao invés de pensar em nos apresentar apenas o personagem “Fofão da Augusta”, o repórter nos mostra também o Ricardo Corrêa, em sua versão irmão, filho e colega de quarto. Ao invés de concentrar seus esforços apenas em Ricardo Corrêa, deixando de lado a ridicularização causada pelo apelido, ele vai em busca dos motivos pelos quais o personagem foi alçado ao status de “lenda urbana”. O mérito de enxergar e tecer a complexidade que envolve o personagem é todo de Felitti, de sua postura autoral, de sua escuta atenta e de sua atitude de empatia diante do Outro – desse Outro que é personagem da reportagem e do Outro que é seu leitor e sua leitora – que, aliás, é uma das contribuições do perfil jornalístico.

Considerações possíveis

Para narrar as histórias de vida, matéria-prima do perfil jornalístico, entendemos que aceitar, reconhecer e valorizar os opostos que se complementam e a complexidade dos seres humanos é fundamental para um texto que tem o poder de gerar empatia e identificação (VILLAS BOAS, 2003). Como definir e classificar um ser humano dentro de dualidades, como bandido ou mocinho, vilão ou herói, certo ou errado, uma pessoa boa ou uma má pessoa? As personalidades, o cotidiano e a vida real não cabem dentro

dessas definições: elas, muito mais, transitam entre uma e outra, em diferentes momentos.

O perfil jornalístico permite que repórteres mergulhem profundamente e intencionalmente na história de vida dos protagonistas do cotidiano. O que possibilita a maior compreensão dos sujeitos narrados e um olhar para as contradições e antagonismos que são tão característicos dos seres humanos. Munidos da tentativa de compreender, repórteres não vão atrás de uma definição ou classificação dos sujeitos, mas, sim, de apresentá-los, mostrar suas contradições, incertezas e fragilidades.

É certo que não é todo perfil jornalístico que vai tratar os protagonistas do cotidiano de forma complexa – aqueles repórteres que estiverem em busca de explicar a vida de alguém, estarão afastados, na verdade, dessa forma de perceber os sujeitos. Para ensaiar a complexidade dentro do perfil jornalístico, é preciso mente e coração abertos diante do encontro com o Outro e olhar para a complementaridade de opostos de forma inclusiva e não com a tarefa de eliminá-la.

Se o jornalismo se configura como uma forma de conhecimento do mundo, é justo que leve em consideração a complementaridade de opostos – noção que acompanha a aventura humana no universo há milhares e milhares de anos e que é trabalhada por diferentes áreas do saber, da mitologia à ciência.

Importante reforçar, então, que o diálogo entre complementaridade de opostos e o perfil jornalístico precisa estar pautado numa atitude compreensiva, que valoriza as nuances, a perspectiva de abraçar a diversidade e de ter uma postura muito mais de “uma coisa e outra” do que “uma coisa ou outra”.

Referências

- ANTUNES, Paulo Serpa. 10 coisas que você precisa saber sobre o BuzzFeed Brasil. V Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo, 2015, Campo Grande, Mato Grosso do Sul. **Anais**. Disponível em: < so-ac.unb.br/index.php/ENPJor/XIIIENPJor/paper/download/4530/1067 >. Acesso em: 10 nov. 2019.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.
- CAPRA, Fritjof. **O Tao da física**. São Paulo: Cultrix, 2013.

COOMARASWAMI, Ananda K.; NIVEDITA, Irmã. **Mitos hindus e budistas**. São Paulo: Landy, 2002.

FELITTI, Chico. *Compaixão*. In: FURTADO, Carla. *Compaixão no jornalismo: quando a relação fonte-repórter vai além*. São Paulo, **Átomo**, 9 fev. 2018. Disponível em: < <https://atomo.cc/compaix%C3%A3o-no-jornalismo-quando-a-rela%C3%A7%C3%A3o-fonte-rep%C3%B3rter-vai-al%C3%A9m-1d7814620ba3> >. Acesso em: 28 jul. 2020.

FELITTI, Chico. “Fofão da Augusta? Quem me chama assim não me conhece”. **BuzzFeed Brasil**, São Paulo: 27 out. 2017. Disponível em: < https://www.buzzfeed.com/felitti/fofao-da-augusta-quem-me-chama-assis-nao-me-conhece?utm_term=.dx9VwAVzr#.iyZm5Km3X >. Acesso em: 10 nov. 2019.

FURTADO, Carla. *Compaixão no jornalismo: quando a relação fonte-repórter vai além*. São Paulo, **Átomo**, 9 fev. 2018. Disponível em: < <https://atomo.cc/compaix%C3%A3o-no-jornalismo-quando-a-rela%C3%A7%C3%A3o-fonte-rep%C3%B3rter-vai-al%C3%A9m-1d7814620ba3> >. Acesso em: 28 jul. 2020.

GLEISER, Marcelo. **A dança do universo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry; GAARDER, Jostein. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KÜNSCH, Dimas A. *Compreendo ergo sum*: Epistemologia complexo-compreensiva e reportagem jornalística. **Communicare**, Vol. 5 – nº 1 – 1º semestre 2005, p. 43-54.

KÜNSCH, Dimas. Mais interrogações e vírgulas, menos pontos finais: pensamento compreensivo e comunicação. **Líbero**, v. 12, n. 24, dez. 2009, p. 41-50.

KÜNSCH, Dimas; DIAS, Everton; PASSOS, Mateus Yuri; FERNANDES, Paulo Emílio; BRITO, Pedro Torres Debs (Orgs.). **Para compreender o método da compreensão**. São Paulo: Uni, 2017a.

KÜNSCH, Dimas A.; KLAUTAU, Carolina. *Jornalismo e compreensão: uma aposta na ciência que está por vir*. Texto apresentado no IX Seminário Alaic Cone Sul. Goiânia, Universidade Federal de Goiás, 22-23 de maio de 2017.

KÜNSCH, Dimas; MENEZES, José Eugênio; PASSOS, Mateus Yuri. *Conhecimento, compreensão e cultura: aspectos intersubjetivos e epistemológicos da compreensão como método*. In: Encontro Anual da Compós, 26, 2017, São Paulo. **Anais do 26º Encontro Anual da Compós**. São Paulo: Compós 2017, p.1-23. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/arquivos_2017/trabalhos_arquivo_VM6PB76816RZN2YHLBIA_26_5809_24_02_2017_09_56_35.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2020.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 5. ed. Barueri: Manole, 2009.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

MITCHELL, Joseph. **O segredo de Joe Gould**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PASSOS, Mateus Yuri. De fontes a personagens: definidores do real no jornalismo literário. In: SOSTER, Demétrio de Azevedo; PICCININ, Fabiana Quatrin. **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas epistemológicas**. Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul: Editora Catar-se, 2017, p. 86-97.

PASSOS, Mateus Yuri. Perfil e contraperfil: os três Joe Goulds de Joseph Mitchell. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais do 12º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Santa Cruz do Sul: SPBJor, 2014, p. 1-15. Disponível em: <
https://www.academia.edu/36559990/Perfil_e_contraperfil_os_tr%C3%AAs_Joe_Goulds_de_Joseph_Mitchell>. Acesso em: 28 jul. 2020.

SCHATTUCK, Cybelle. **Hinduismo**. Madrid, Espanha: Ediciones AKAL, 2002.

VILLAS BOAS, Sérgio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.